PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 34
ANO 5
MARÇO/2023

Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

Não há de novo sob o Sol, diz o adágio bíblico. Mas depende de qual sol estamos falando. Em geral, quem costuma brilhar na literatura são os autores. A crítica parte do pressuposto que as grandes transformações partem de um rasgo genial de ordem individual, uma iniciativa de ruptura. Ao centrar atenção exclusiva em quem escreve, porém, outros fatores decisivos são preteridos como, por exemplo, o público leitor. Em períodos de transição literária, é muito provável que o público se transforme mais rapidamente que os escritores. Há quem levante a hipótese de que estes últimos apenas se adaptam à recepção, o que não deixa de ser desairoso para a decantada reputação de singularidade, genialidade, vanguardismo.

Por que um livro faz sucesso? Por que um autor é querido? Escalonar relevâncias pode ocasionar percepções equivocadas. Melhor não seria cedermos à explicações monotemáticas. Considerar editoras e os desafios de distribuição, imperativos mercadológicos, a recepção em grupos intelectuais, a penetração na crítica especializada, divulgação em veículos de comunicação de massa, tudo isso compõe o quebra-cabeça literário. Sabemos perfeitamente que, em tempos de redes sociais, um "influencer" com milhões de seguidores pode sobrepujar toda a cadeira tradicional do livro e inclinar o gosto do grande público. Haverá algum problema em tornar a literatura e os escritores um fenômeno pop? Se houver, por favor, avisem ao público, a transformação já aconteceu.

Nesta altura, portanto, ao padecer de um crônico problema de comunicação, o poder da academia universitária foi contornado pelas novas formas de interação. De quem é a culpa pelo isolamento que não da própria tribo que se isolou? O crítico profissional já não é capaz de influenciar, salvo raras exceções de interação direta com o ensino médio e fundamental. Além de perder espaço na mídia na mediação da leitura, muitos professores abandonaram a literatura para trocá-la pelo texto. Às voltas com múltiplas teorias que se sucedem na obscura palestra endógena, abraçaram a abordagem mecânica do texto. Do que estamos falando? Não se sabe ao certo porque qualquer texto é um texto qualquer. Será um objeto, um corpo, um reagente químico? A capacidade de emocionar é o aspecto menos considerado, cedendo espaço ao escrutínio historicista, estruturalista, sociológico, antropológico, psicológico etc.

O que estamos a provocar é a discussão sobre os critérios de avaliação, acolhimento, canonização. Se o passado esteve comprometido com um sistema elitista e excludente, o quão diferente é o presente? O reverso da medalha é apenas o inverso de si mesmo, não perde a natureza de ser o que é. Ao deliberadamente recusar na literatura o estatuto de arte, grande parte do prazer se esvai. Algumas perguntas são esquecidas. O eixo da atenção não é mais na complexidade humana. Limita-se à representatividade. O livro é bom?, envolvente?, provocador? Pouco importa. O que interessa é o que ele representa. Ou, talvez, no que o circuito intelectual diz que representa. Como resultado, colhemos o desmonte da emoção do leitor, considerada exclusivamente como um mero recurso linguístico usado na escrita, um dos muitos efeitos do texto.

Por essas e outras, ninguém além do próprio autor está legitimado a esclarecer ao público suas intenções, ressaltando o aspecto ególatra contemporâneo, o que não é propriamente uma novidade. A Revista Literária Pixé empenha-se em estimular o prazer quase táctil, seduzir o público através da ressignificação do olhar. Surpreender-se, emocionar-se, sentir-se mais humano. Se é uma questão eletiva, seja esse o nosso critério de apreciação e divulgação da literatura. Viva, Sua Excelência, o leitor!

SUMÁRIO

2 Editorial
6 Olga Maria Castrillon-Mendes
8 Caio Augusto Leite
10 Clark Mangabeira
14 Edson Flávio
16 Fabio JunioVieira da Silva
18 Felipe Eduardo Lázaro Braga
22 Gabriel de Mattos
26 Henrique de Medeiros
28 Joaquim Cesário de Mello
30 Klaus Henrique Santos
34 **João Pedro Nunes**
38 Lorenzo Falcão
40 Luciano Lanzillotti
42 Mar Becker
44 Marcelo Labes
46 Mário Cezar Silva Leite
48 Mateus Elias
50 Matheus Guménin Barreto
52 Pablo Rezende
56 Raquel Naveira
58 Talita e Edson
60 Walesca Cassunde
62 Renato Medeiros
64 Maristela Carneiro
66 Anna Maria Ribeiro Costa

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Artista Visual Convidado: João Pedro Nunes
Colaboradores desta edição: Olga Maria Castrillon-Mendes, Caio Augusto Leite, Clark Mangabeira, Edson Flávio, Felipe Eduardo Lázaro Braga, Gabriel de Mattos, Henrique de Medeiros, Joaquim Cesário de Mello, Klaus Henrique Santos, Lorenzo Falcão, Luciano Lanzillotti, Mar Becker, Marcelo Labes, Mário Cezar Silva Leite, Mateus Elias, Matheus Guménin Barreto, Pablo Rezende, Raquel Naveira, Talita e Edson, Walesca Cassunde, Renato Medeiros, Maristela Carneiro, Anna Maria Ribeiro Costa.
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba
Web Design: Micheli Sierra

NUM PESCAR DE OLHOS

Olga Maria Castrillon-Mendes
É pesquisadora da literatura brasileira. Autora de Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso (Cuiabá: EdUFMT, Cáceres: EdUNEMAT, 2013); Discurso de constituição da fronteira de Mato Grosso, 2017; Matogrossismo: questionamentos em percursos identitários (Carlini & Caniato, 2020) e Letras cacerenses (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021, em coautoria).

ILUMINAÇÃO PROFANA NA OBSERVAÇÃO DE IMAGENS

A "iluminação profana", que Walter Benjamin (1892-1940) identificou na arte surrealista, é a base da formação dos espaços de imagens, cujo olhar se apoia todo ele em atitudes revolucionárias, como fala no seu texto sobre o Surrealismo e em outros posteriores, como nas teses sobre o conceito de história [1].

O convincente e o inverossímil na representação artística é fruto de experiências em busca de algum objeto de observação em meio à diversidade. O mundo das artes costuma ser (in)crível, (extra)ordinário, surpreendente. Liga-se ao sonho, à mentira deliberada e ao desejo de alimentar esperanças de improvável realização. Existem mil possibilidades de descrever/narrar o inverossímil e o conceito tem sido um problema para o leitor, tomado comodamente pela noção da verossimilhança. Muitos perguntam se os escritores retratam as próprias experiências. Embora seja uma questão que nunca deve ser feita ao produtor da fabulação, a preocupação do leitor é colar a literatura à realidade vivencial do escritor. Esse aspecto da verdade ficcional deixa de lado a percepção de que verdades são voláteis, pois nem tudo é o que parece, nem o próprio leitor. Os sentidos presentes naquilo que parece ser ou não verdadeiro, tem a ver com muitos outros elementos, inclusive os históricos como analisou Walter Benjamin e é a forma como se comunga as versões sobre a escrita da "história a contrapelo", ou seja, a história na perspectiva dos vencidos.

A política poética do leitor/expectador rompe com a postura meramente contemplativa. Uma imagem, mesmo quando procura se associar à intervenção eficaz na realidade, fica subordinada a variados procedimentos típicos do período e, principalmente, à lógica da produção industrial e capitalista. Por isso o conceito de "iluminação" pode elucidar uma experiência histórica concreta, isto é, através do papel exercido pelo intelectual na transformação da sociedade, sua atuação revolucionária, semelhante ao que pensou seu contemporâneo Gramsci (1892-1937), para quem a necessidade de enfrentamento do debate está na relação entre a atividade do intelectual e o envolvimento com a disputa pelo poder. Todos somos intelectuais, mas nem todos temos, na sociedade, a função de intelectual.

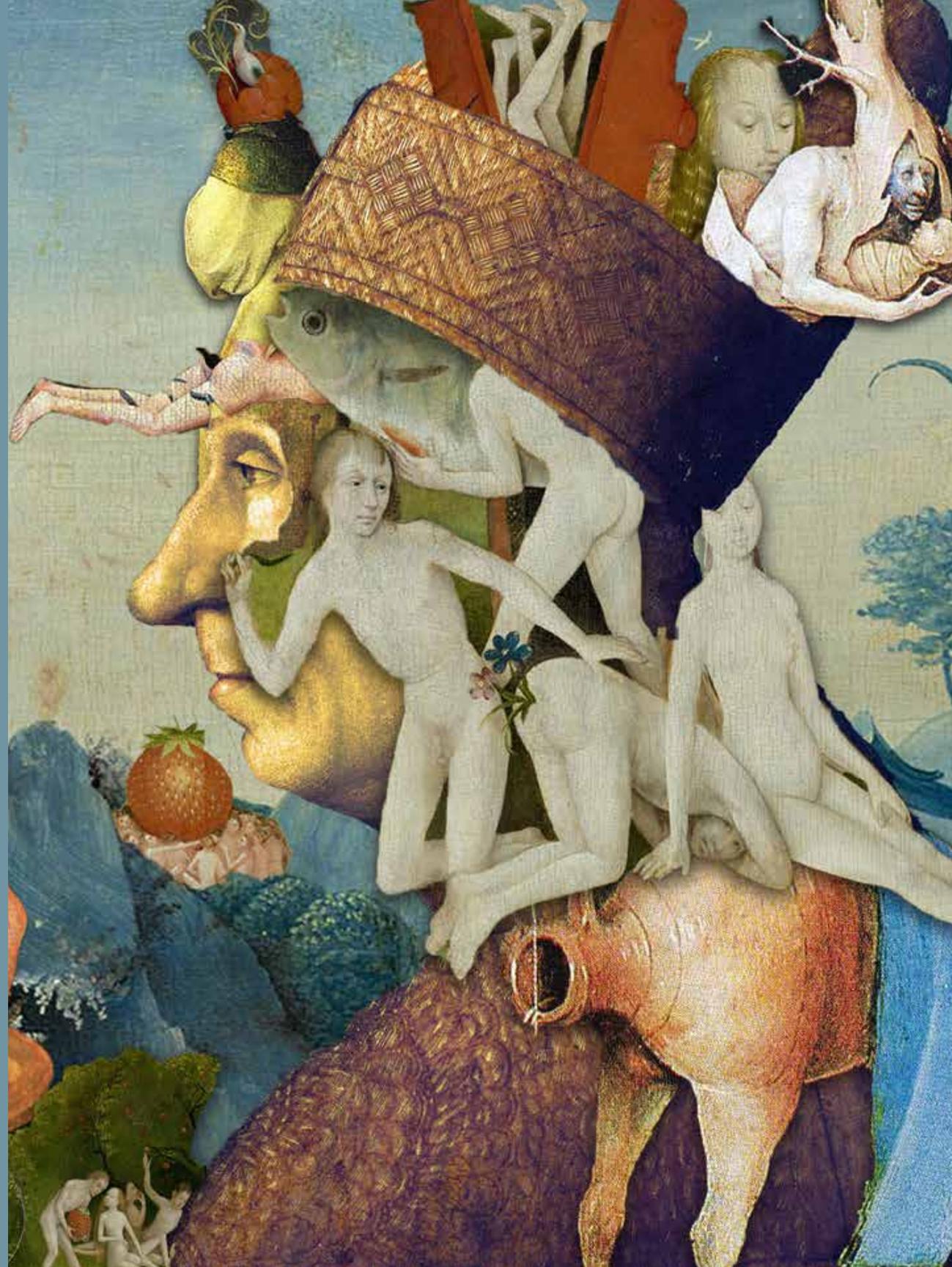
Nesse sentido, o clássico conceito de arte pela arte não é mais suficiente para se vivenciar uma reflexão crítica e ativa. É preciso atingir os limites extremos do possível. Só a atitude contemplativa de um texto ou de uma tela não basta. É preciso transformar a postura contemplativa em revolucionária, como propõe o movimento surrealista, pois a liberdade do espírito só é adquirida com muitos sacrifícios. E não é assim que tem sido ao longo dos tempos?! "O homem que lê, que pensa, que espera, que se dedica à *flânerie*, pertence do mesmo modo que o fumador de ópio, o sonhador e o ébrio, à galeria dos iluminados. E são os iluminados mais profanos", nas palavras do ensaísta-filósofo (op. Cit., p. 33), que busca romper a tensão superficial da época, fora do epicentro, espaço em que se pode avaliar/analisar as "energias" da arte. São novos horizontes e experimentação da liberdade para se vivenciar o despertar de uma iluminação profana, que pode estar neste espaço de produção da Pixé.

1 Cf. O surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia, de 1929. Benjamin elabora o conceito de iluminação profana para elucidar transformação do conceito de experiência e situa o papel do intelectual na transformação da sociedade.

às vezes basta uma palavra
para espraiar uma paisagem
sentimental densa e inesperada
como numa foto um detalhe tolo
recupera uma coisa maior e nossa
tão íntima que a mesma coisa vista
nada detona em olhos alheios
é sempre no menor grau
que a curva se inicia
e da alegria de uma chegada
é que surge a intriga
urdidora de tragédias

vejo este prédio
agora
e o prédio de outrora
reverbera
naquela aurora nossa
naquela varanda
vivendo o presente
éramos tão nós
agora a sós em cada canto
o instante é apenas o trânsito
de meu corpo, o estranho olho
que mira e não atinge nunca mais
o teu sorriso numa curva de alegria

Caio Augusto Leite
Nasceu em São Paulo em 1993. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) com dissertação sobre *A Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. Integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018, na França e na Bélgica, a convite da Universidade Sorbonne. Teve textos publicados nas revistas digitais *escamandro, A Bacana, mallarmargens, Vício velho, Lavoura, Subversa, Literatura & Fechadura e Alagunas* É autor dos livros *Samba no escuro* (Scortecci, 2013), *A repetição dos pães* (7Letras, 2017) e *Terra trêmula* (Caiaponte, 2020), além de colunista da revista digital *Ruído Manifesto.*



POIS É

Ontem assisti a Grey's Anatomy e chorei. Não foi um choro por causa da série, aliás, a série nada mostrou de relevante. Não tinha nada de triste, apenas o Dia de Ação de Graças. Mas gosto de chorar. Principalmente, quando não sei os motivos. Gosto da sensação do choro vindo das entranhas sem qualquer razão e das lágrimas caindo pelo rosto. Gosto, mas tenho medo. Choro por quê? Tem algum motivo? Freud diria que sim, algo lá de dentro, daquele treco meio desconhecido chamado de inconsciente, mas não sei se é só isso. O mundo causa choro em muita gente por motivos mais nobres, e eu aqui por causa de uma série besta. Besta, mas que adoro, que fique claro! E o choro continuou até o final, e nem teve aquela música que sempre me faz chorar. Não sei exatamente a natureza do choro. Essa água que sai pelos olhos. Por que será que a saliva não é produzida quando sentimos algo? Por que será que só as lágrimas aparecem? Lembrei agora da minha mãe chorando por causa de uma briga com meu irmão. Ele também chora às vezes, e também lembrei de quando chorou porque não ganhou nenhum presente de aniversário, há uns 20 anos. Hoje ele tem 26 anos. E evita chorar. Por que não chorar? Sempre acho que quem não chora é mais forte, mas não é não. Quem não chora é bem fraco. E não é a baboseira de demonstrar ou não emoções, não chorar é não chorar e pronto. Mas chorar é humano – talvez – e não chorar não deve ser eleito como o ápice do controle ou da vontade. Já chorei vendo o mar. Já chorei vendo a lua. Já chorei pelo amor daquele menino não correspondido – aliás, sobre isso, choro até hoje: 20 anos não são nada. Já chorei pela minha hipocondria e pelo meu cachorro doente. Chorei quando briguei com amigos e chorei de raiva por ter brigado com amigos e por ter chorado por eles. Chorei quando o outro menino terminou comigo do nada, lá numa viagem a Cabo Frio. Chorei num avião, indo para minha nova vida em Brasília, quando nada, absolutamente nada, estava certo ou definido naquele que deveria ser meu destino. Chorei quando briguei com meu marido e chorei quando fizemos as pazes. Até no sexo já chorei – quem nunca? Há algo mais cafona do que chorar no sexo? Não importa, é bom e faz bem. Ao menos espero que faça e que não espante a pessoa que tá ali na cama. Chorar após o orgasmo é muito louco, mas faz bem, repito, faz bem – será que quero acreditar nisso? Ah, dane-se. Não sei, mas chorar faz bem e é nisso que acredito hoje. O menino de rua que apanhou do taxista também chorou, ontem, quando estava pedindo dinheiro no sinal e levou um murro do motorista sem mais nem menos. Curiosamente, ali eu não chorei. Fiquei irado, com raiva, mas não chorei. Será que choro apenas quando a dor é comigo? Deve haver alguma diferença entre choro, a dor que vem de dentro, e a ira, a dor que vem de fora, sobre outros. Mas também chorei com o Joventino se tornando Velho do Rio. Aff, não faço ideia de como e por que é importante chorar, de quando choro ou não... nada faz sentido – devo chorar por isso também? E agora choro escrevendo sobre choro. Na verdade, não tô chorando não, mas tem mais densidade dramática dizer que sim. E na verdade também, choro mesmo pelo que virá. Pelo caixão da minha mãe, no futuro, e eu ao seu lado – ela está viva, entenda bem... –, mas vou chorar quando isso acontecer. E por muitas outras coisas mais. Uma pena.

Clark Mangabeira
Carioca cuiabano, é doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e professor adjunto de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Graduado em Direito, Letras e Ciências Sociais, é escritor de ficção, tendo publicado contos e poemas em diversas revistas literárias e acadêmicas, e escreve enredos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

QUERO

Eu tenho desejos simples
que dão em pés de jabuticaba lá no quintal
Tenho desejos tão simples
que moleques sobem nas árvores
só para catar alguns,
de tão bobos que são
Tenho desejos tão, mas tão simples
que passarinhos os bicam com delicadeza
e o vento os abraça com carinho
sem derrubar nenhum
mesmo nos dias nublados
Meus desejos são de verdade tão simples
que o que quero é só beijar borboletas azuis
comer jamelão direto do pé
e abrir os braços para voar como bem-te-vis

Clark Mangabeira
Carioca cuiabano, é doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e professor adjunto de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Graduado em Direito, Letras e Ciências Sociais, é escritor de ficção, tendo publicado contos e poemas em diversas revistas literárias e acadêmicas, e escreve enredos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

Leio seu epitáfio hipócrita
Recordo-me de quantas vezes expus as vísceras desse amor e sangrei sozinho.
A poesia dos anos coagulou-se e o cheiro pútrido perfazia os dias de novo e sempre.
Náusea e o vômito até a completa inexistência.
Quando terminamos esquartejei tudo que havia.
Como a carne é retirada dos ossos, cirurgicamente fui raspando o peito.
Livre e vazio.
Restaram-me apenas o orgulho e a escuridão.

Edson Flávio
É cacerense, doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL/UNEMAT) e pesquisador na área de Literatura. É autor de Aldrava (2020) e escreve desde quando descobriu seu amor pela poesia.

ALFONSO

água morna
loção corporal
sabonete
creme de pentear
banheira cheia
unhas vermelhas
pele branca
face amável em espelho convexo
duro o dia
coxa lisa
panturrilha definida
cabelos volumosos/ seios fartos
não se define abdômen, avantaja-se
monte desmatado e um regato de águas claras
mordisca o lábio ressequido de desejo
dedos apertam os pezones
mão que paira no seio e outra que desce
greta
que se abre
ao toque do indicador
do mindinho
do anelar
líquido preciso
mínimo múltiplo incomum
róseas pétalas vulvares
templo de adoração eterna
sete portas a mão adentra
são resmoneios e gemidos
ela a ulular
é corpo – tesão- é febre
e no telhado inerte
o menino, a gozar

Fábio Júnio Vieira da Silva
É alagoano, radicado em Nova Olímpia Mato Grosso há 33 anos. Doutorando e Mestre em Estudos Literário pelo PPGEL/UNEMAT, Graduado em Letras/Espanhol pela Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT e em Pedagogia pela Universidade de Cuiabá-UNIC.

O PEIXE

Nadando no aquário de peixe dourado, cada olho voltado para um norte diferente do mundo.

Na verdade, levitando no ar, como se fosse água a obrigação de ser agradável,

e delicioso, sobretudo, olhar um peixe tão cheio de boas opiniões.

Em volta do aquário, cardumes de gente disputando espaço de olhar o peixe,

entre rabos frenéticos de quem vai à frente.

O peixe conversa sobre tudo:

Dostoievsky; artilheiro do Milwaukee Bucks; invasão da Criméia; casamento da irmã do Lulu Santos; Cabernet Sauvignon: muito, muito versátil.

Mas tudo aquário demais numa conversa que o peixe conheça.

E sem que o peixe conheça as profundezas de qualquer outra coisa que não sete minutos de profundidade, ei-los:

7 minutos de cortesia.

Que na escala de gente, é peixe nadando de um lado para o outro do aquário, sem saber para onde olhar; sete minutos, e próximo.

Sacode o rabo e adorei te conhecer, beijos.

Oito minutos e a gente enrola o peixe no jornal de vender na feira: bye, me liga!

Gente rica é engenharia de gente que deu certo por causa da geometria equidistante de tudo o que há de bom. Peixe também:

é rico, porque todo mundo está em volta dele; todo mundo está em volta dele, porque o peixe é rico; logo, todo mundo está em volta dele porque todo mundo está em volta dele;

riqueza, no fim das contas, não passa de uma aglomeração concêntrica, no centro da qual está o peixe;

Tão bonito, tão hipnótico, tão ornamental,

a transformar nosso esforço em bom gosto,

acumulando séculos e séculos de 7 minutos,

e oceano sem sair do aquário.

Todos, como eu na fila, adoram receber seus 7 minutos de peixe rica,

prazo de transformar qualquer assunto em virtuose de assunto agradável;

aliás, passam anos e anos na fila que dá pro peixe, sem saber muito bem se a fila do lado de lá anda mais rápido;

mas anos e anos de fila que transformam qualquer um em perfeição de sete minutos contados;

(isto é: biografia de quem anda na linha)

e o nada de quem nada, e nada, e nada no fim da fila do esforço, é o peixe;

e se alguém de trás apertar seu ombro e perguntar, "por que você está na fila que dá pro peixe?", você vai responder que está na fila que dá pro peixe porque não é o último da fila.

Felipe Eduardo Lázaro Braga
É doutorando em Sociologia (FFLCH-USP), graduando em Filosofia. Escreve sobre arte contemporânea, arte urbana e matemática. Trabalha com pesquisa de mercado e opinião

NIETZSCHE I

Deus pode ser qualquer coisa,
mas é, antes de tudo,
o superlativo de quem quer dominá-lo;

O profeta reinaugura Deus à sua imagem e semelhança:

Daniel P. trepa com Deus para fazer nascer de Schreber uma nova humanidade;
Friedrich W. mata Deus para fazer nascer de Nietzsche uma nova humanidade;

E tudo o que veio antes, nasceu depois dos dois,

dois meninos que dormiram tudo de si,
e acordaram com a ereção de um sonho nítido;

A loucura, qual liberdade sem âncora, é prazer que deu errado.

NIETZSCHE II

I.

A personalidade melancólica tem duas igrejas:
a ironia e a estética.

A estética de Deus são os padrões matemáticos do universo.
A aleatoriedade, Sua ironia.

II.

Se o desespero tem uma única saída para ser eloquente,

Deus escreveu as leis do universo para que Einstein
pudesse ler Sua carta de despedida.

O suicídio de Deus criou Nietzsche.

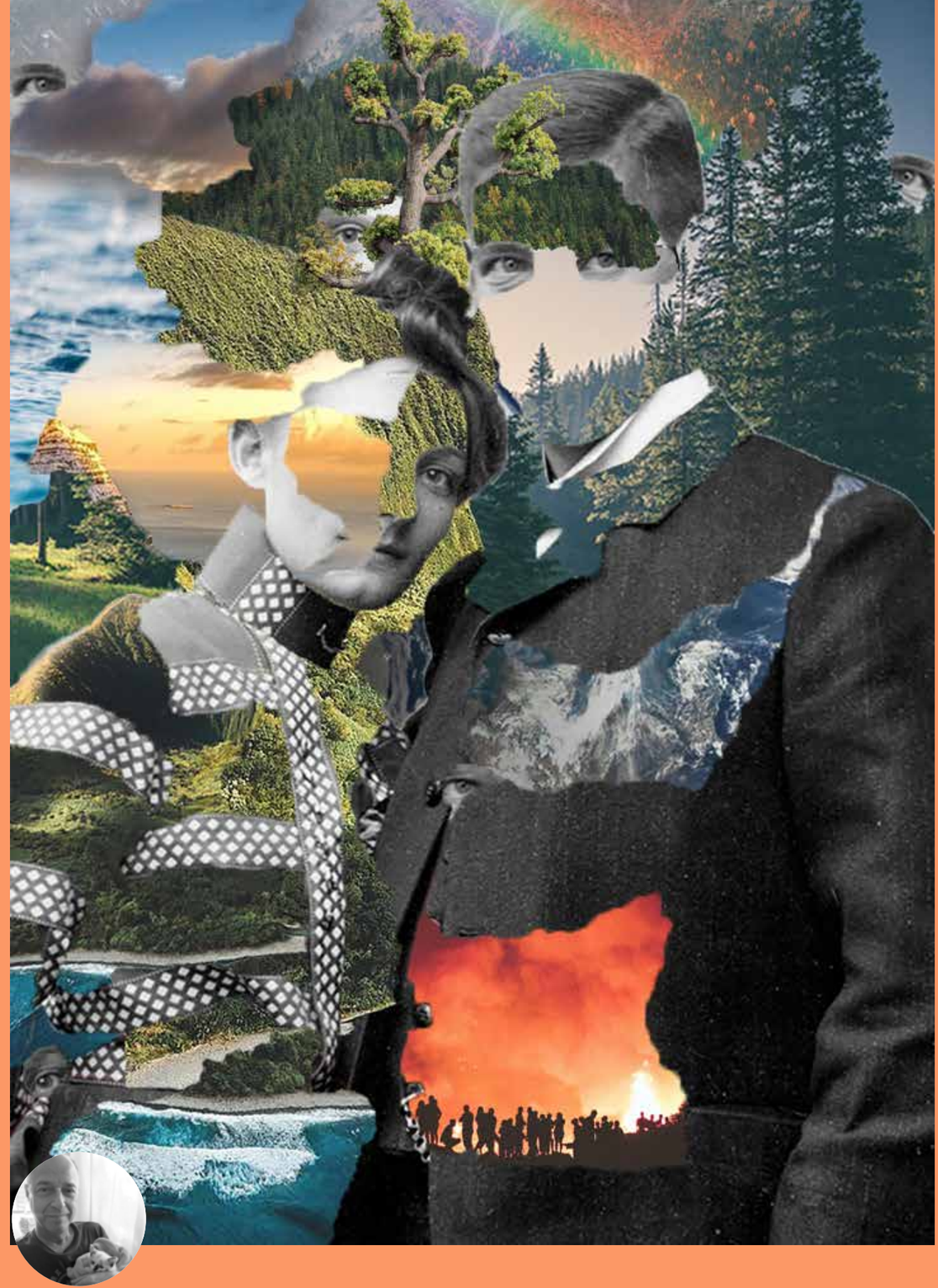
III.

Na teologia de tudo o que não sabemos,
Só a solidão antecede o próprio Deus: Deus está só.

E como Deus criou o homem à sua imagem e semelhança,
O suicídio de Deus é a centelha divina do homem:

O homem está só.

Felipe Eduardo Lázaro Braga
É doutorando em Sociologia (FFLCH-USP), graduando em Filosofia. Escreve sobre arte contemporânea, arte urbana e matemática. Trabalha com pesquisa de mercado e opinião



Gabriel de Mattos
Gabriel de Mattos, professor universitário, arquiteto, contista e romancista, vem registrando a crônica da fictícia Novo Paraiso do Norte aqui na Pixé.

VISITA

(Maridos, sala; noite) Ranulpho está radiante:

- Ele, o arquiteto, meio-artista, meio-bicha, sabe, aquela coisa do engenheiro e do arquiteto...

- Sei, Ranulpho, lembro das suas implicâncias, lá em Cuiabá.

- Mas... – ele já está meio-embriagado (como sempre) – mas, ele chama de Contemporâneo-Amazônico. Parece esnobe (pronuncia snob) mas é bem legal para esse clima daqui de Novo Paraíso, chuvoso e quente. E depois, a cozinha é que é o espaço para receber os amigos neste lugar. A gente bebendo e comendo alguma coisinha, linguicinha, queijinho derretido. Coisa boa, Marivaldo.

- É, mas as mulheres é que estão lá na cozinha, no aberto lá atrás...

- É que as crianças estão aqui, e elas ficam meio histéricas, querem correr um atrás do outro; é mais seguro lá atrás.

- Então você se acomodou mesmo aqui...

- Eu diria acostumei, mas acomodou é melhor. A Elsinha não queria saber mais de Cuiabá, e não deu certo a gente ir pra praia: eu era sub-gerente, mas ela ficava com ciúmes das meninas que iam na agencia, aquela vida de viver de maiô, ou biquini...

- E você reparava mesmo...

- Pior que era! Aí minha vida entrou em posição de risco, ela ameaçou ir embora com as crianças. Pô, Marivaldo, me deixar! Eu posso ser meio galinha, mas como pai sou coruja... Aí o banco falou que se eu não quisesse ser rebaixado, só havia um lugar de gerente, e aqui em Novo Paraíso do Norte. Vixe, se a Elsinha não animou em Cuiabá, imagina mais pro nortão, no meio da Floresta Amazônica!

- Mas acabou que foi melhor, pelo que estamos vendo: casa nova, você engordou, Elsinha e as crianças parece que estão felizes.

Ranulpho até se engasga com a cerveja: É, fe-li-zes, falou bonito, Marivaldo. A gente veio para cá, sem conhecer nada e acabou que... bem, a gente voltou a ter que contar um com o outro.

Marivaldo olha a noite e beberica a cuba-libre. Sente a barriga doer. De novo.

- E vocês? Ainda lá, no Banco mesmo? Você também é concursado, né?

- Sim, e a Tina sempre me lembra isso. Você foi um dos melhores colocados, podia ir para um lugar melhor!

- Mas não saiu nem de Cuiabá.

- Acomodei, Ranulpho. Me envolvi com as atividades das crianças no colégio, o Piter está aprendendo a atirar, a Melly gosta de tocar bateria. Bateria, Ranulpho! Mas a Tina amuou...

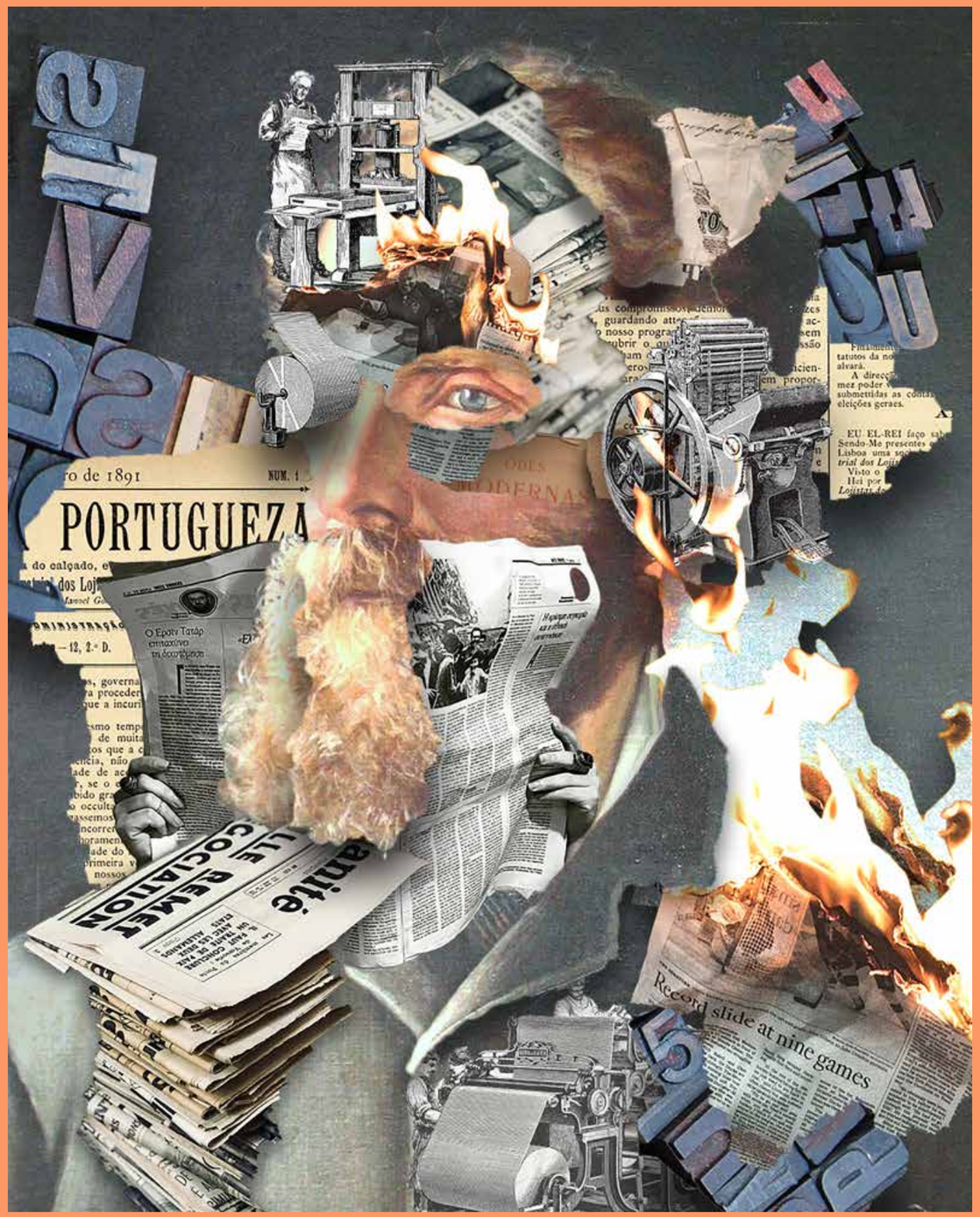
- É perigo, cara, cuidado!

- E os colegas do Banco foram saindo, pro sul, pra praia... e eu pensei em comprar um sítio depois que meu pai morreu. A Tina empombou, disse que prefere viajar. E as crianças estão num momento difícil, talvez vão querer estudar fora mesmo.

- E aí veio a vaga da nova agencia. Aqui, no mato, perto do amigo! Vai ser num prédio novo, desse mesmo arquiteto que fez nossa casa.

- É, e como a Tina continuou mantendo contato com a Elsinha...

- Eu não entrei nesse negócio de redessocial! Acho um saco, Marivaldo; e hoje tem essas televisões de estrimingue que tem tudo: coisa nova e coisa velha que a gente assistia. Eu que não vou deixar de ver minhas séries e nem o meu futebol, principalmente agora que o meu time ressuscitou! E eu e o Tavinho estamos vendo aquela série de morto-vivo...



*

(Esposas, cozinha-espaço-gourmet, noite) Elsinha serve vinho para as duas, grandes cálices altos.

- Não preocupa com as crianças, Tina. Elas ficam de correria mas é aqui dentro, é uma das muuuitas vantagens de quintal grande. E se machucar tem uma graande caixa de primeiros socorros lá dentro, tem até soro pra mordida de cobra! Mas eu não vi nenhuma por aqui. Já taturana, aranha grande e colorida, formiga-de-bunda-grande...

- Nossa, Elsinha, você foi se encontrar mesmo aqui no mato! Parabéns. Emagreceu, está fazendo academia...

- Voltei a trabalhar! Aqui é tudo perto, então dá para conciliar. E as crianças, se estão inquietas, vão pro quintal ou pro clube do Banco.

- Que legal... eu estou precisando de uma mudança também.

- Vem pra cá, boba. Você nunca se achou em Cuiabá. E agora que seus sogros morreram, o Marivaldo não tem desculpa pra ficar lá. Fica um tempo aqui, vê se arruma um trabalho, ou uma franquia aí e aproveita! Novo Paraíso está crescendo, é um momento bom, e deve ter sobrado alguma herança do teu sogro. Eu mesmo, posso entrar de sócia...

- Ai, Elsinha, o velho acabou vendendo tudo, depressa e mal! E aí o Marivaldo e os irmãos tentaram entrar no meio e deu briga.

- Mas parece que acabou, né? Bola pra frente, amiga.

- É, e a gente está pensando no que fazer. Essa briga foi meio feia, tem um certo ranço que ficou no ar. Olha, eu quis morar longe da minha família só pra evitar isso.

- Convence o Marivaldo pra vir pra cá! Sabe, naquele papo de antes de dormir, camisolinha pequena, sussurro no ouvido...

- Seria bom, Elsinha...

- E eu estou precisando de alguém pra fofocar. Sabe, aqui é legal, mas é uma coisa de todo mundo ficar sondando a Cooolonizadoraa, o pessoal que fundou e ainda manda na cidade. É muita gente, parece que eram umas famílias que tiveram que sair do sul e arrumaram um mega-projeto de investimento do governo federal. – ela se aproxima e fala baixo – O Banco é que investiu, parece que teve, e ainda tem, uns rolos por aí; vira que mexe vem uma grana boa e todo mundo aproveita. Não é por me gabar, mas o Ranulpho está num lugar privilegiado, e o Marivaldo vai pegar a onda ainda, Tina, é melhor vir logo.

*

(Eles, sala...) O home theater é até pequeno para a televisão inteligente. Os dois se sentem dentro do campo, até se desviam de uma bola mais rápida.

- Tem umas coisas que você tem que entender, Marivaldo. É uma história que eu ouvi lá em Cuiabá, e aqui tem uns... ecos, rumores. Sabe que o Banco quase fechou o projeto daqui? Era uma terrona enorme, meio de mato, solo ruim. Inventaram de plantar sorgo; sabe o que é sorgo?! E aí um fiscal da Carteira Agrícola do Banco veio e falou que não ia dar retorno, que agricultura não iria para frente; na pecuária os bois tinham que vir e voltar de avião. O cara enfiou a caneta, disse que o governo ia perder grana. Entrou político na história, mantiveram a coisa porque teve um lugar que colocaram posseiros que estavam brigando no sul, agrovilas, essas coisas... Um pedaço pequeno, que acabou virando parte da cidade. A maior área mesmo foi pra fazendas grandes. Muito grandes. Enquanto teve árvore foi madeireira pra todo lado. E ainda têm linhas de crédito pro agro, meio confuso, arroz, soja... Você só precisa entender que tem a Colnizadora. Se eles avalizam, a gente acaba liberando...

ABORTO

o que teria acontecido
de diferente com relação
a todos os acontecimentos
posteriores
se
naquele dia
ou teria sido noite
eu
em vez de virar ao lado
tivesse tomado o rumo da rua
em outra direção

naquele momento

teria sido
fragmento
de razão
ou falta de ação
dos futuros
que abortei

BROTAM

dentro da sua carne
cortes e pontos
gosmas suturadas
entorpecidas endurecidas
por saídas atalhos
mata-burros retornos highways
desejos frustrações ânsias
agonias êxtases
aparam transbordam
secam molham
calhas para subterrâneos
fluxos mirabolantes
veia salta na goela
na força do grito
músculos se contorcem
no nó na cala
sangue em catarse
esvai
no
vaivém
brotam
cicatrizes

Henrique de Medeiros
Henrique Alberto de Medeiros Filho é escritor, publicitário e jornalista (presidente e titular da cadeira 10 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras - ASL)

TRINTA ANOS OU MAIS

Ele ainda a esperava
todas as tardes às 17 horas
na mesma pequena livraria
que já não existia mais

Em meio a livros imaginários
decifrava trovas de amor
no caçar dos versos perfeitos
que nenhum Dante
Camões ou Shakespeare
jamais poderia ter feito

Leria quantidade maior de escritos e papiros
que sequer a Biblioteca de Alexandria possuía

Percorreria os imensos corredores dos anos
que nem o próprio Matusalém conseguiu

Sobreviveria a imortalidade
mais que a soma de todos os deuses
que os milênios outrora soterraram

E ainda assim a esperaria
todas as tardes às 17 horas
na mesma pequena livraria
que já não existia mais

Sentado no canto invisível
daquele lugar que o mundo esqueceu
aguardava o chegar inevitável da noite
folheando recentes obituários
no encontrar dos nomes familiares

Os ossos da eternidade já pesavam
em seus ombros levemente arqueados
enquanto presenciava sempre
o extinguir das tardes mortas
no cerrar das luminosidades escassas
pelo despertar insone dos postes

E quando chegada as noites
voltava derrotado às camas
com a confiança dos devotos
de que amanhã ainda a esperaria
pelos próximos trinta anos
ou mais

Joaquim Cesário de Mello
É psicólogo, psicoterapeuta e professor universitário. Em meados dos anos 1980 participou do Movimento de Escritores Independentes e foi colunista da Vida Crônica (1998 – 2002) do encarte JC Cultural do Jornal do Commercio (PE) e é autor do blog Literalmente. Escritor e poeta, participou de várias antologias literárias, entre elas Nouveaux Brésils Fin de Sciècle (2000), Poesia Viva do Recife (CEPE, 1996) e Cronistas de Pernambuco (Carpe Diem, 2010), Poesia na Escola (SP, 2022). Pós-graduado em Pedagogia (UOE/PE) e com Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade (PUC/RS). Autor dos livros Dialética Terapeuta (Litoral, 2003), A Alma Humana (Labrador, 2018), A Psicologia nos Ditados Populares (Labrador, 2020), A Vida Como Um Espanto (Labrador, 2022), No Cemitério das Nuvens (Folheando, 2022)

Klaus Henrique Santos
Reside em Sinop-MT e é membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras (ASCL), nela ocupando a Cadeira 10, cujo patrono é Jack Kerouac. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo. Publicou Páginas da Escuridão (2012), Enfim, a estrada (2014), Horror & Realidade: contos (Carlini & Caniato Editorial, 2015), No Compasso da Loucura (Carlini & Caniato Editorial, 2017) e A poesia mora no bar (Carlini & Caniato Editorial, 2018).

BILHETE

Prossigo no combate ao esquecimento das imagens que estão descolorindo e lentamente se apagando do grande álbum da memória. Deixo anotada mais uma passagem da época a qual me referi no bilhete anterior e espero que nenhuma das enfermeiras bisbilhoteiras torne a jogar no lixo esses registros. Visitar o passado me é demasiado custoso, além do que, cada regresso encontra um cenário diferente montado pela mente, com novas impressões, distintos sons, cheiros e sabores.

Aprisionado na cama de ferro, envolto em lençóis brancos que se tornaram pele, fixo o olhar na lâmpada do teto e logo avisto a nossa antiga mesa de cedro. Não há toalha na superfície e improvisamos candelabros com garrafas de vinho vazias. Um disco do Secos & Molhados gira em volume baixo na sala ao lado. Maria vem de lá com o prato de queijos e geleias e deposita os quitutes ao redor do livro da noite. Vítor está abrindo uma garrafa de vinho branco, enquanto procuro versos de Neruda em seu Cem Sonetos de Amor. O meu vinho, tinto, trabalha comigo na tarefa de vencer a penumbra do ambiente e me cobra o suor que escorre do rosto e desagua nas páginas, tal qual outrora as lágrimas do poeta o fizeram, imagino.

Era a última quarta-feira do mês, ocasião em que promovíamos nosso encontro literário-etílico batizado de "A quarta do vinho". Escolhíamos um livro para ser lido durante o mês e então, em uma noite regada essencialmente a vinho, líamos trechos da obra e conversávamos sobre nossas impressões.

Finalmente encontrei o soneto que buscava e na empolgação da bebida, subi à mesa para declamá-lo. Em uma das mãos a taça juntamente com uma vela acesa e, na outra, o livro. Li o décimo soneto e, na segunda estrofe, a cera começou escorrer e me queimar a mão esquerda. Apressei um pouco a leitura e estendi a vela para Vitor, que já aguardava em pé com o seu exemplar do livro. Leu o vigésimo sétimo enquanto circundava a mesa e nos contemplava. Maria assumiu a leitura sentada, como era costume, e seguiu num ritmo leve, por vezes fazendo pequenas pausas para que sua boca bebesse também da taça.

Com textos tratando de amor, não nos surpreendemos que a noite se estendesse por tempo além do que era comum. Literalmente embebedamos a alma e entregamo-nos aos versos. Por muito pouco não testemunhamos o nascer do sol e nos recolhemos, juntos, na cama de Maria, antes do alvorecer.

Essa lembrança é de uma das últimas noites em que nos reunimos. A vida encarregou-se de nos afastar logo em seguida e não permitiu nenhum contato nas décadas seguintes. Ainda assim consigo lembrar que foi naquela noite que escolhi meu epitáfio. Por conta das circunstâncias em que me encontro, penso ser o este o momento de resgatá-lo. Trata-se do soneto LXXXIX. Carrego comigo a velha edição do livro, e poderia reproduzi-lo perfeitamente, mas resta pouca vida neste bilhete.

O volume está junto ao porta-retratos, ao lado da cabeceira. Na impossibilidade de que o soneto decore a tumba que me aguarda, deixo registrado o pedido pela derradeira gentileza de desconhecidos, para que a página em que está impresso seja acomodada entre o peito e as minhas mãos frias. Na contramão do verso, não sou agraciado em ter agora a luz de mãos vivas sobre os meus olhos e talvez nunca saibam a real razão do meu pranto cantado. Fixo os olhos na lâmpada e não mais distingo o teto ou as paredes, mas uma envolvente claridade dourada que me aquece e acolhe, finalmente.

João Pedro Nunes
Artista Convidado

UMA ESPÉCIE DE BIOGRAFIA

Chamo-me João Pedro Nunes. Tenho 39 anos, sou casado e pai de um menino de três anos, de uma menina de 8 anos e de um adolescente com 17 anos.

Sou psicólogo e coordenador de uma instituição para jovens delinquentes e adolescentes socialmente desfavorecidos.

Vivo em Portugal, Arquipélago dos Açores, na ilha de São Miguel.

Comecei a fazer colagens em março de 2021.

Faço colagens porque queria ser escritor.

Mas com as colagens os resultados são mais imediatos, por vezes mais livres de constrangimentos. A colagem é como a poesia. Às vezes rima, outras vezes não. Mas a força da mensagem que carrega é inegável.

A arte deve fazer parte do nosso dia a dia. Com espanto e curiosidade. Deve ser praticada e experimentada diariamente e estar sempre aberta a múltiplas fontes de inspiração, não tendo necessariamente de partir do ensino formal e académico.

Por isso acho que qualquer pessoa estará habilitada a produzir arte. Basta que não pare de tentar. E acabará por encontrar novas formas de transformar a realidade. Rostos em paisagens, conceitos complexos em frases simples, com duplos sentidos e ironia, abraçando a arte de errar, a incongruência e a inconsistência.

A minha formação de base é em psicologia dinâmica e psicanálise.

A psicanálise é a arte dos significados e da interpretação. É a cura pela palavra através da re-significação das narrativas. É, também, a interpretação dos sonhos e a valorização do inconsciente.

Colagem não é senão isso: a reinterpretação de elementos inconscientemente dispersos, a criação de uma nova narrativa, um novo olhar. Cada trabalho é uma nova realidade que, até ao momento em que está finalizado, possui um conjunto de diferentes partes aparentemente desconectadas. Gera, pois, a partir dos seus elementos, uma nova ilustração do mundo, que fica connosco (cá dentro) e que, depois de vista, não consegue mais não o ser.

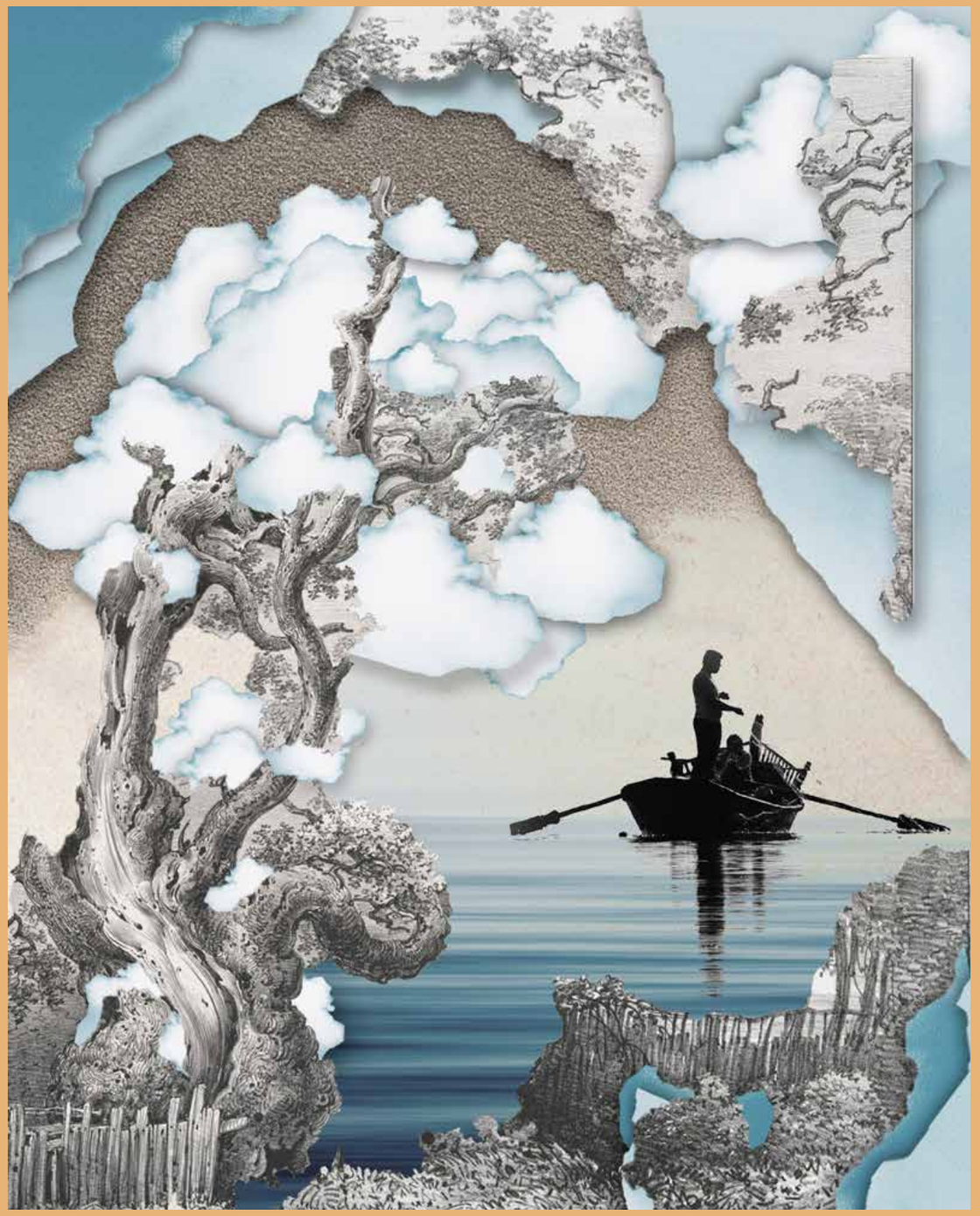
Sempre fui ansioso. As minhas unhas roídas são prova disso. E não gosto de olhar o mundo, as pessoas e as relações entre os espaços de forma simplista. Por isso considero que a ansiedade e a alternância são duas vigas mestras que sustentam a minha arte.

Os meus trabalhos refletem camadas, como peles sobre peles, coisas dentro de coisas, às vezes escondidas por baixo, "à espreita". Têm, também, a sua dose frenética de elementos, às vezes nascidos de realidades contrastantes e conflitantes.

Para transformar verdadeiramente o mundo, a arte deverá ter o seu acesso democratizado, a quem faz e a quem vê, de forma a alcançar um maior número de pessoas.

Então, porque será que sentimos, tantas vezes, que existe um elitismo cultural e social quando apreciamos arte?

A arte deve ser simples de fazer para poder continuar a ser complexa de interpretar.



GOSTOSA

gosto do seu volume
e das formas da sua carne.
seu mamilo arrebitado é o cume
pra eu escalar com charme,
força delicada e desejo.
se você me empresta um beijo
não vou morder seu lábio.
mas posso me perder no fogo,
o deus sábio,
que incendeia a paixão e o jogo
dos corpos entrelaçados.
você é o meu poema erótico
cheio de malícias e pecados.
você é o meu tóxico
na noite enfumaçada.
a mulher nua
que ao meu lado deitada
abre a madrugada e a lua.

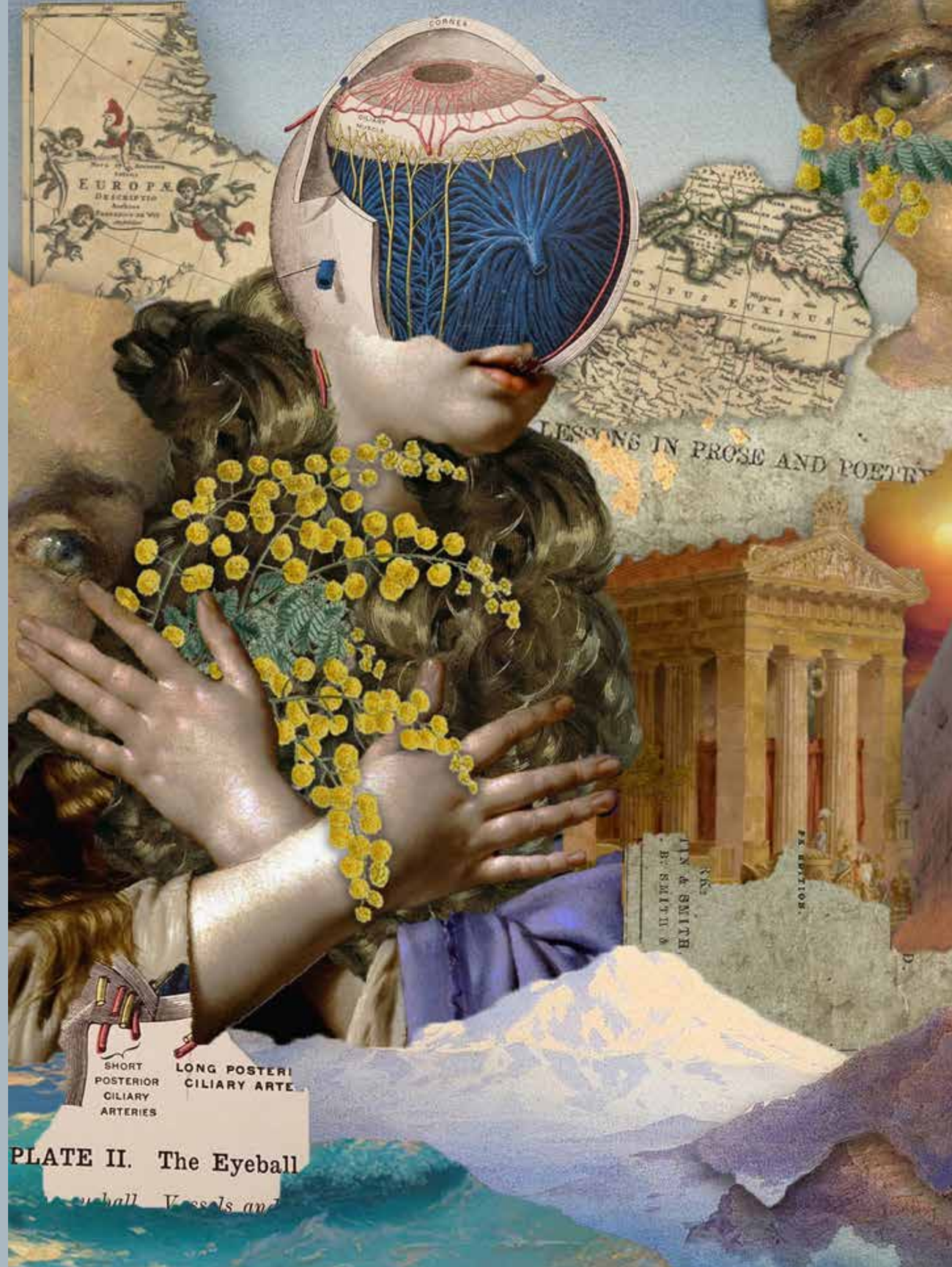
OUÇO DIZER

definir com palavras
o instante já da emoção
que nos rega a vida
é coisa que não floresce
em cada primavera.
esse diálogo,
essa transparência que transcende,
eu ouço dizer
que é o dever de casa
dos poetas.

essas pessoas estranhas
que parecem não ter o que fazer.
estrelas cadentes
do céu da boquiaberta
humanidade.

o poeta
é o bicho-papão da razão.

Lorenzo Falcão
"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.



INTRINSECAMENTE POLÍTICA

Aqui
onde
o vento
não faz curva:

uma palavra
ainda pode
mudar
tudo.

Dessas
meio sem nexo.

Olhar
sem retrocesso.

Dessas
que fazem
pensar

que ainda há
solução
para os problemas
da alma
e da epiderme:

toda
poesia
é
intrinsecamente
política.

Luciano Lanzillotti
É doutor em Literatura Brasileira pela UFRJ, autor de Geometria do Acaso, Editora Dialética, 2021.

ando cansada de mim, cansada destes dias e noites. dos livros, dos meus olhos. cansada das janelas
e do céu de são paulo, essa miragem nós o alcançamos só quando chove, aos pés
na pele da água, no fluxo que vai escorrendo do centro das avenidas para as bordas
talvez o céu de são paulo seja invenção dos olhos de um narciso moribundo nós, quando topamos com a superfície da água aquela
que corre pelas sarjetas das ruas em torno da praça de são bento (...)
quem me contou que um dos prédios mais altos de são paulo fica na berrini? ouvi isso. depois, andando por lá, vi eu mesma
um daqueles prédios espelhados, que refletem o céu, as nuvens indo e vindo
em são paulo o azul renasce despedaçado sempre abaixo em novos e impecáveis espelhos
curioso como o desejo de uma cidade pode resolver-se numa só imagem: a ideia de um céu-frankstein, aos pedaços
(deve ser esse o instante que antecede a queda, de que fala kopenawa)
em são paulo penso
não há convocar uma multidão de um topo de mundo, sei lá
imagina entrar no berrini business center com aspirações de chegar ao último andar e erguer um basta
ninguém aguenta mais
seria lindo também penso
mas vê
antes
cruzar pela recepção
antes identificar-se
número a número, dizer o rg
número a número, repeti-lo "não entrou no sistema"
"que andar?"
olhar para a câmera
esperar a foto
a biometria
[crachá, "visitante"]
antes tentar passar pela p*rra da catraca
antes emperrar na p*rra da catraca
heróis todos nós fomos um dia
 mas morremos em algum ponto de um caminho como esse aí

Mar Becker (Marceli Andresa Becker)
Nasceu em Passo Fundo/RS. Tem formação em Filosofia e Especialização em Metafísica e Epistemologia. Em poesia, publicou duas plaquetes, uma pelo Centro Cultural São Paulo, Coleção Poesia Viva (2013), e outra pela Editora Quelônio, Coleção Vozes Versos (2017). A mulher submersa (Urutau, 2020, edições no Brasil e em Portugal) é seu livro de estreia.

Marcelo Labes
(1984) É natural de Blumenau e reside em Florianópolis-SC. É autor, dos romances Três porcos (Caiaponte, 2020) e Paraízo-Paraguay (Caiaponte, 2019) e dos poemas de Enclave (Patuá, 2018).

quando néstor kirchner disse diante
dos milicos No tengo miedo, ni les
tengo miedo, quem sabe não fosse
a hora de os brasileiros exigirmos
também justiça - justiça, essa velha
abstrata - e não optarmos pelo de
sempre: um discurso dito por gravatas
engorduradas (de pastel de feira?,
não importa). é por isso que segui
mos assombrados pela risada óssea,
espontânea, bizarra de quem por
aqui fez tão bem o seu trabalho: saiu
ileso o desgraçado, e golbery não para
de rir rir rir rir rir rir rir da nossa cara.

o pai veio de canto pedir desculpas por
não saber falar de política - assunto de
homens, parecia - depois de ter visto
uma discussão entre eu e meu irmão.
disse a ele que tudo bem, pai, os olhos
marejados diante do homem - o pai
não sabe nada disso - e eu disse que
tudo bem, pai, a gente só tava falando
sobre esse país ir pra frente, um dia
sobre esse país ser grande, sobre as
pessoas se entenderem como povo
: mas elas têm vergonha de ser povo,
pai. elas têm vergonha de viver nesse
país e por isso fingem que vivem noutro.

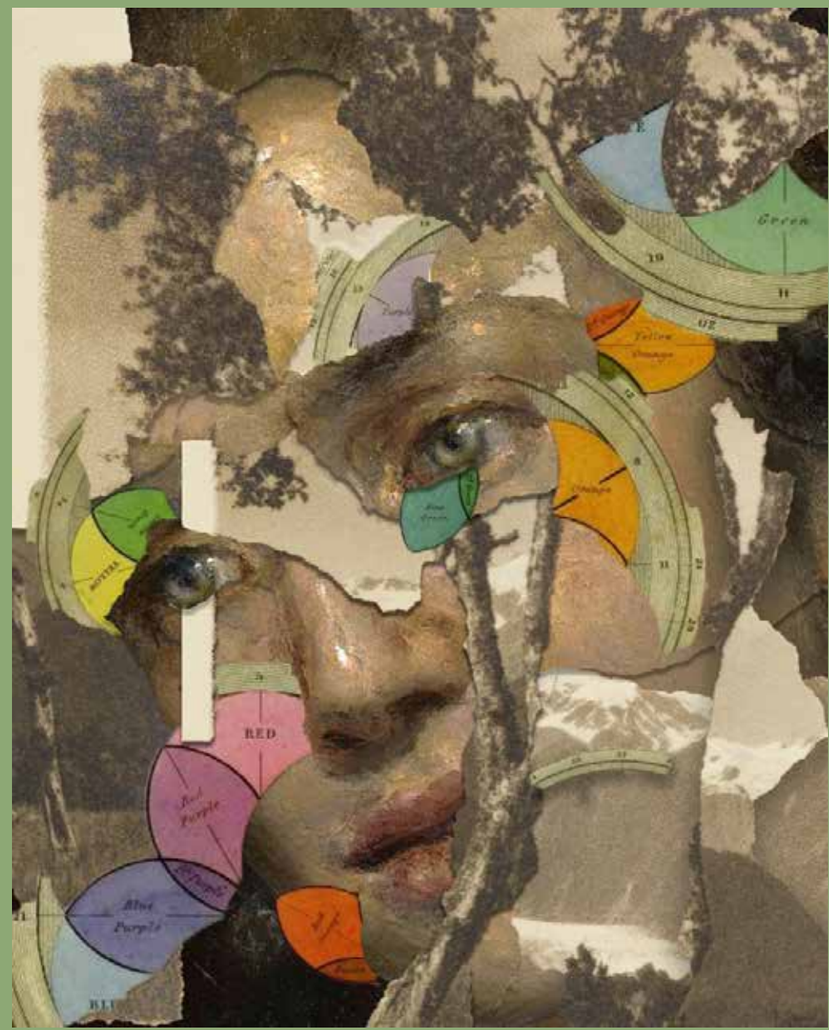
Mário Cézar Silva Leite
É professor titular da Universidade Federal de Mato Grosso. Atua na Graduação em Letras/Literatura (IL) e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO-FAC). Fundou e coordena o Grupo de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso-RG DICKE (CNPq/UFMT). Doutor em Comunicação e Semiótica, é crítico literário e escritor. Dentre suas publicações destacam-se: Recuerdos de Mi Abuela & Outros Estilhaços em Charla (Cathedral Publicações/Carlini e Caniato Editorial, 2020); Memorial [IN?]Descritivo: auto-ópera-biográfica-burlesca para professores titulares em literatura (Cathedral Publicações/Carlini e Caniato Editorial, 2017); Literatura, Vanguardas e Identidades: as Brenhas do Regionalismo (Cathedral Publicações/Carlini e Caniato Editorial, 2015)

RÉQUIEM EM ÁRIA DE BALEIAS CÓSMICAS

(Mário Cezar Silva Leite com incidências de Natália Lafourcade)

"Yo no aprendi a soltar amores. Yo no aprendi a dejarte ir." Agora "eres um fantasma conmigo caminhando". E eu não sei onde colocar a dúvida, não sei que terras revolver para saber. Não sei onde colocar a dor de não saber-te. "Eras uma apuesta de largo plazo"? Sobra-me em mim canções de suaves amores, de Natalia Lafourcade que trazem de volta seu riso tímido, seus olhos esverdeados colados em mim de nossos corpos deslizantes em suor. Diga-me agora, para onde devo deslizar? Em que olhos agora devo me perder como se um mar imenso me devorasse? Em que momento nossos pelos se desembaraçaram e foram cada qual para um lado? Para outras terras que não os terremotos de nossos abraços? Habitamos agora lados outros? Quanto tempo devo esperar nesse mundo de perguntas, um universo sem respostas? Distraído, "para qué sufrir se no hace falta?" Do roteiro que teu corpo me deixava percorrer nuvens ao céu da tarde, chuvas inseguras nas manhãs, maremotos, temporais que desaguavam em finos e transparentes córregos de nosso instante de morte. Quando as baleias cósmicas cantavam canções de ninar no desenho forte de você, eu navegava vias lácteas desconhecidas de galáxias tão distantes que nem se sabe delas. Como não sei mais de você. Então, hace falta, sim! "Para qué olvidar que antes de todos nuestros besos fuimos como hermanos, fuimos como amigos com derechos?" De quando não soube mais de você, um tempo nebuloso tomou conta de tudo. Um tempo de tanto não sei que continuo no limbo do não saber. Precisava escrever-te, inscrever-te em um papel que pudesse me revelar em mim do que pode ter sobrevivido em nós. Não sei onde procurar, não sei onde buscar. Cada centímetro efervescente do calor do sol nas ruas, nos asfaltos, nos becos sussurram-me histórias que talvez, por só talvez, já não quero saber mais. Talvez, só por talvez, eu deveria saber de você. O que toda a cidade envolta no sol pode me dizer? Gritar que talvez, só por talvez, você esteja por aí flanando por tantas outras terras, outras paisagens muito além das matas e oceanos que meu corpo te oferecia. "Sigo cruzando rios, andando selvas, amando el sol. Cada dia sigo sacando espinhas do lo profundo del corazón. En la noche sigo encendiendo sueños para limpiar, con el huma sagrado, cada recuerdo." E assim, e por isso, talvez, só por talvez, "Yo te llevo dentro hasta la raíz, y por más que crezca, vas estar aquí." Escorre pelo meu peito o desejo intenso de seu desejo. Nos nossos abraços o denso do leite e mel feito os quatro rios de nosso paraíso. Como não adivinhei que a maçã e a serpente já estavam à espreita e iriam te expulsar de mim. Vago. Vago noites e dias sem resposta. "Lo que un dia construímos se há esfumado". Mas "no creas que no valió la pena. No creas que no eres importante. Al contrario, yo te amé com toda el alma." E agora, sem respostas digo um adeus que dói mais pelo não saber de você do que te saber distante. Eu ainda não "aprendí a dejarte ir". Talvez, só por talvez, eu deva deixar que se vá de mim. E talvez, só por talvez, isso tudo seja a minha maneira de continuar a te amar. "No creas que no valió la pena". Valeu e toda vida vale.

Dedico esse amor-conto-dor a todo mundo, em todo o mundo, que perdeu para o vírus da covid (e eu jamais escreverei essa palavra em maiúscula) qualquer espécie de amor. As canções românticas na voz doce de Natália Lafoucarde têm suavizado meus dias. O canto das baleias cósmicas é um canto que em sua mágica e encanto vem do céu para toda gente e abranda nossos corações feridos em noites de estrelas, sendo tudo e qualquer coisa que esteja amenizando nossa dor. E, sinto do fundo da alma ter, para entendê-la, que relatá-la.



Mateus Elias
Mateus Elias é engenheiro civil, youtuber, aprendiz de viola de cocho e escritor. Nas redes sociais você o encontra pelo apelido: 'Xomano do Saber'."

O MERCADO E SUA MISERÁVEL VIDA

– Mercado, Mercado! Chegaram notícias!

Imprensa, a garota de recados, entrou correndo e jogou o jornal em cima da mesa. Mercado, um senhor cheio de rugas de expressão, levantava um copo de café. Ele puxou os óculos e os equilibrou na ponta da colossal nareba que tinha no meio da cara. Passou o enrugado dedo pela manchete.

– É o quê?!

Mercado cuspiu o café todo que tinha na boca, pulverizado no ar frio do cômodo em que mora. Após tirar umas gotas de café da cara, a mocinha pôs as mãos nos ombros do amigo, mas Mercado se levantou da cadeira lendo o resto da matéria. A Imprensa acompanhava curiosa os olhinhos caídos do velho, que iam e voltavam sobre as letras do papel amarelado.

– Que foi dessa vez, Mercado? Fala comigo.

As varetas que Mercado tem por pernas estalavam a cada passo dentro de seu pijama. Após sussurrar algumas palavras mudas, o Sr. Mercado foi para um canto do seu triste quarto. Lá, sentou-se em frente a um grande painel de comando com trocentos botões e alavancas que a ingênua Imprensa nunca entendeu.

– Acabar com a fome! Mais direitos trabalhistas!

A Imprensa adorava ver aquilo. Embora Mercado mexa os braços raquíticos sobre o painel, as alavancas parecem se mover sozinhas porque a mão do Mercado é invisível.

– Essa alavanca que tá subindo aí é o quê? – questionou ela.

– Esse aqui é o dólar. Cadê os juros... Juros, juros... Ah, sim – Mercado levou os juros até a altura do dólar.

A Imprensa viu logo o semblante do Mercado relaxar.

– Por que você fez isso? – essa pergunta o deixou perplexo.

– Oras, moça. De novo essa pergunta! Minhas ações estão além da compreensão humana. Não devo respostas!

– Bom... Desculpa, então... – falou a Imprensa, secando uma lágrima que fugiu dos olhos.

– Eu cuido do mundo! – gritou ele – Eu me autorregulo! Não venham meter o bedelho! Eu... – Mercado começou a chorar – Eu tô preso aqui dentro. Eu não sei que tô fazendo... Vocês me prenderam aqui. Eu nem sei como é o mundo lá fora, a última vez que eu vi a luz, vocês ainda viviam nas cavernas.

– Calma, calma... Respira – disse ela trazendo-o para dentro de um cálido abraço.

Mercado se jogou em sua cama de solteiro.

– Eu não sei explicar. De vez em quando vem uma insegurança, uma sensação de instabilidade... Como posso dizer? Tem coisa que acontece que me dá um pânico e eu só consigo me acalmar depois de mexer as alavancas, apertar uns botões... Ninguém me entende. Mas vocês confiam tanto em mim. Só que ninguém aparece pra saber como eu tô, só querem saber das taxas, dos balanços... E eu? Aí, do nada, vocês perguntam nos jornais "quem é esse tal mercado que ninguém conhece". "Por que o Mercado aumentou os juros". Oras, trancaram-me aqui e engoliram a chave! Mas é melhor assim, porque nem eu sei o que eu tô fazendo...

Mercado enfiou a cara no travesseiro e gritou histericamente.

– Péra, Péra... – a Imprensa fechou os olhos como se escutasse algo. Em seguida, pôs a mão no bolso e puxou um maço de jornal enrolado – Novas notícias, Mercado.

– Diz aí quais as novas – pediu ele esticando o pescocinho de galinha depenada.

– Tentativa... de golpe... no congresso nacional.

As sobrancelhas do Mercado moviam-se como lesmas estrebuchantes, e sua boca murmurava contas de cabeça. Ele pulou da cama e correu para o painel, abaixou o dólar e os juros.

– Por quê? Por quê?! – gritou em meio a soluços de tristeza, enquanto suas lágrimas escorriam pelas mãos transparentes.

ESBOÇO

(No Mosteiro de São João, Campos do Jordão, 29-9-2018)

chiam os dedos n'água
na língua fresca d'água

servidão canina amorosa daquilo
que passa
e não se move

PATRÍSTICA

Só aceitar a palavra espírito
transparente como pedra:
como estômago: como fezes:

Só aceitar a palavra espírito
como suor: como não espírito:

Só aceitar a palavra espírito
como: não aceitá-la.

TEORIA LITERÁRIA

ter Racine em mãos
Alexandre le Grand.
à esquerda: o vidro já roxo-de-crepúsculo o chá pré-mijo amarelo-ouro-do-
reno numa cidade litorânea anoitecendo no capitalismo tardio.
ter Racine em mãos.

ter também nas mãos o cheiro da água sanitária da borracha ter nos joelhos o roxo-mais-
crepúsculo de quem esfrega esfrega quinzenalmente sua própria privada esfrega seus próprios
ladrilhos esfrega seus próprios espelhos ter ainda nas mãos o plástico do lixo as fezes & o esperma.

ter Racine em mãos
Alexandre le Grand:
entendê-lo melhor.

Matheus Guménin Barreto
Matheus Guménin Barreto (1992) é poeta e tradutor mato-grossense. É autor de História natural da febre (Corsário-Satã, 2022), Mesmo que seja noite (Corsário--Satã, 2020), Poemas em torno do chão & Primeiros poemas (Carlini & Caniato, 2018) e A máquina de carregar nadas (7Letras, 2017). É doutor (USP, 2022) na área de Língua e Literatura Alemãs - subárea tradução - com passagens pela Universidade de Leipzig, pela Universidade de Salzburg e pela Universidade de Heidelberg. Teve poemas seus traduzidos para o inglês, o chinês, o espanhol, o alemão, o catalão e o italiano; e publicados em revistas ou antologias no Brasil, na Espanha, no México, em Portugal, nos EUA e na China. Integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018 (França e Bélgica - Universidade Sorbonne) e a Giornata mondiale della poesia 2022 (Itália - Universidade de Roma).

PSICOLOGIA DE UM DEPRESSIVO

Eu
Primogênito da angústia e da ansiedade
Aberração de minha própria causalidade
Sofro desde o nascimento pelas leis do movimento

Tentei desde a infância permanecer no mesmo estado
Mas as coisas sempre se ocuparam em mudar
O sol nem sempre queimava as retinas e a pele
A chuva nem sempre lavava os olhos e o coração

Já me afoguei em copo plástico
Já me deitei em um colchão em brasa ardente
O caos e o cais me parecem indiferentes
Uma diferença vocálica capaz de mudar a dinâmica
Do objeto que me modifica

As forças que me impelem nem sempre são naturais
Os caminhos que atravessam nem sempre são claros
A intensidade, a velocidade e o sentido das coisas
Dependem dos miligramas das drogas e do álcool
As ações e as reações nem sempre são iguais

Hoje estou vivo
(É tudo que eu sei)
Os olhos estão abertos
As mãos estão fechadas
Sob o peso e o efeito da gravidade patológica
Envelheço escureço entristeço
Nada me escapa
Nem mesmo o desejo contínuo do esquecimento.

Pablo Rezende
É filho de dona Ilda, poeta e professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação da Rede Pública do Estado do Mato Grosso. É graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Mestrando em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). É autor do livro O dever e o haver, publicado pela Literata, em 2011. Têm poemas publicados em várias antologias poéticas nacionais e internacionais.

O POEMA EXISTE

A Bruno Curcino Mota

É possível que eu chore
e deságue em águas salgadas
é provável que os mares em suas dobras e rachaduras
me afoguem e avancem sobre meu esquálido corpo
e levem embora as dores e os partos naturais

É possível que eu sorrie
acesse a memória
o âmago o amargo o mormaço
é provável que eu entre em combustão
e as chamas do teu rosto
implodam
alcancem minhas retinas de bronze
(a chaga e o chumbo)
marcadas em meus fluxos e soluços de consciência

É possível que nada seja possível
a possibilidade do nada e do não
(talvez o choro
talvez o riso
as alterações de humor
ainda permaneçam os mesmos)
a probabilidade dos
gestos dos gostos
dos meus versos de sangue

É possível a impossibilidade
ainda que diminuta
ainda que infrequente
(essa tristeza tardia
essa volúpia cardíaca
esse desencanto diário)
a probabilidade existe
o amor e o poema existem
enquanto existo
resisto registro
a impossibilidade da ferida sarar amanhã.

Pablo Rezende
É filho de dona Ilda, poeta e professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação da Rede Pública do Estado do Mato Grosso. É graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Mestrando em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). É autor do livro O dever e o haver, publicado pela Literata, em 2011. Têm poemas publicados em várias antologias poéticas nacionais e internacionais.

ÁFRICA

África,
Tão exótica na forma:
Os imensos embondeiros,
As resinas de acácia
E, nas planícies,
Os ungulados,
As placas de búfalo,
As patas de elefantes,
Os satãs rebelados.

África,
Tão rica:
Os rios em delta,
Os lagos brancos,
Os oceanos largos
E, no deserto,
As pirâmides colossais
Observando os séculos.

África,
Tão melancólica no fundo:
Gemente,
Dolorosa,
O choro engolido
Pela areia ardente,
Pranto da prole desgraçada
Que nutriu com seu sangue
A América.

África,
Tão grotesca:
O cavalo do beduíno,
O guizo das cascavéis,
O sudário do Saara
Amortalhado de suplícios,
O canal de Suez
Amarrando os seus pés.

África:
Forma e fundo,
Alimária do mundo.

Raquel Naveira
É escritora, professora universitária, crítica literária, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, autora de vários livros de poemas, ensaios, romance e infanto-juvenis. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (onde exerce atualmente o cargo de vice-presidente) e ao PEN Clube do Brasil.

LEMBRANÇAS

Minha mãe, mulher forte, mulata, preta,
morena ou negra o que quiser chamar...
Brava feito onça,
mulher que fazia uma das melhores comidas de minha vida,
lembranças boas dessa mulata, sorriso bonito,
mulher atrevida da língua afiada,
que fazia questão de preparar uma boa galinha caipira.
Meu velho pai, Esperidião, homem bravo,
de carapuça grossa, bicho do mato, sangue grosso.
Esse que tinha presença e se fazia presente,
bravo feito onça do mato, daquelas forte, da pele grossa e escura.
Meu pai era homem simples plantava feijão, milho, bananeira e mandioca,
não deixava a gente passar fome, homem que fazia o povo se arder.
Quando na ardência o conclamava a ter coragem
De não desistir, para sonhar.
Espiridião, posseiro, sem terra,
Mas de terra forjado.

Tácita Vitória Pereira Gomes
É flor da chapada, 14, é estudante da educação básica apaixonada pelas palavras, aprendeu com seu pai. Escreve para si e para dentro. E agora floriu e partilha suas visões de mundo.

Edson Gomes Evangelista Dalla-Nora, 44,
É nascido em Jaciara/MT, forjado em Planalto da Serra/MT, montanhas, rio abaixo. Professor de Linguagem atua em Língua portuguesa e espanhola no Instituto Federal de Mato Grosso - IFMT. Um contador de estórias, encantado por gentes, habitado inteiramente por mundos erigidos na e pela linguagem.

Walesca Cassundé
Nome literário de Walesca de Araújo Cassundé, cuiabana, residente em Campo Grande-MS. Formada em direito pela FUCMT. Advogada por opção e criminalista por vocação. Poeta por catarse, libertação física e purgação espiritual. Em março de 2017, lançou "Confissões Essenciais", pela Ed. Gráfica Ruy Barbosa.

LAS CUCARACHAS

(para Darci Pinheiro)

Domingo chuvoso e antes das sete já estava acordada. Senti uma preguiça doída - aquela dor de saber-se só, tristeza. Se eu não me levantasse, ninguém mais faria o meu café. Quando mamãe estava comigo ela fazia o café e, quando eu não despertava com o cheiro bom que vinha da cozinha, ela mesma se encarregava de me acordar - venha tomar o café, porque não se pode jogar tanto pó no lixo. Se não vier agora, não toma!

Claro que era apenas uma maneira de ter a minha companhia durante o desjejum e de repartir comigo aqueles momentos. Eu sempre entendi dessa forma. Ela era uma mulher quieta, de poucas palavras, não era muito afeita a demonstrações de carinho mais explícitos.

Enfim, levantei-me [a necessidade de repor a cafeína no meu organismo foi mais forte do que a preguiça]. Tempo sobrando, lembrei-me dos vários envelopes gordos de fotos antigas que meu irmão deixou na portaria. Tenho que cuidar disso, me admoestei. Preciso organizar as coisas. Coloquei os envelopes em cima da mesa da sala e me pus a separar. Algumas fotos eu já nem reconhecia, pessoas que passaram pela minha vida e não ficaram, gente que não significa mais nada para mim, pensei, e rasguei-as sem hesitação! Outras, separei para doar para pessoas queridas, que compartilharam momentos únicos e continuam presentes em minha vida e em meu coração.

Tantas fotos, e todas ficaram sob meus cuidados. Pensei que os mais antigos tinham razão quando diziam que as filhas eram as guardiãs das memórias das famílias. E é normal que seja assim. Ainda bem que é. Após duas perdas difíceis em menos de um ano [pai em agosto de 2021 e mãe em julho de 2022], aturdida com as súbitas mudanças, não houve meio de lembrar-me dos vários álbuns de fotografias antigas escondidas no alto dos armários. Meu irmão as resgatou, retirou-as dos álbuns, separou as fotografias e deixou-as em envelopes diferentes na portaria do meu prédio. Daí a minha atividade de hoje.

Quanta coisa vivi, pensei comigo. Havia fotos de todas as fases da minha vida, desde a infancia até a juventude. Encontrei entre elas uma do meu amor de juventude e até um telegrama que ele me mandou numa ocasião em que estávamos brigados: "O coração tem razões que a própria razão desconhece". As lágrimas já começaram a aflorar nos meus olhos.

Ver papai e mamãe jovens - me levando pelas mãos na 14 de julho e depois vê-los mais velhos, em minha colação de grau, definitivamente me emocionou. Ocorreu-me que meu pai só conseguiu estudar quando já éramos quase adolescentes e que, por isso, entreguei-lhe o canudo que recebi na colação de grau, às lágrimas. Sempre nos identificamos muito, eu e ele.

Quando dei por mim já era hora de fazer o almoço. Havia reservado um pouco de coxinhas da asa temperadas no freezer e as retirei de lá. Pareceu-me ouvir minha mãe dizendo: - você é muito exagerada, não se faz comida para jogar no lixo; é um punhado de arroz para cada pessoa que vai comer, e não é arroz com frango, é frango com arroz!

Sim, mamãe, respondi, obediente à sua memória e aos ensinamentos que me legou.

Comecei a cortar os temperos e a repassar mentalmente as imagens que havia separado, entre elas, algumas da época em que fiz mestrado na PUC-SP.

Daquela época só restou uma amiga, a quem dedico esta crônica. Mandei-lhe um áudio, via whatsapp., aos prantos, contando-lhe sobre as imagens que revi e lamentando as cadeiras que ficarão vazias nas próximas festas de final de ano. Sempre prática e desde muito jovem adepta da gestalt-terapia, ela me aconselhou a parar de chorar e aproveitar para apreciar o fruto do meu esforço na cozinha - frango com arroz, tomates recheados com queijo brie e salada, porque depois ainda haviam as panelas e pratos por lavar e a cozinha para deixar em ordem de novo - como mamãe gostaria que estivesse.

Rezo para que ela viva muito ainda, para que possa trazer-me de volta à responsabilidade, como costuma fazer desde que éramos jovens.

Refleti sobre a diferença entre tristeza e nostalgia, afim de poder identificar o que sentia. Nostalgia é a saudade de uma forma de existência que se deixou de ter; um desejo de voltar ao passado e tristeza é desânimo, aflição, desalento. Não, não estou triste, conclui. Apenas melancólica, nostálgica de um tempo que não voltará mais. Melhor seguir o conselho de minha amiga e arrumar a cozinha, porque ninguém o fará por mim.

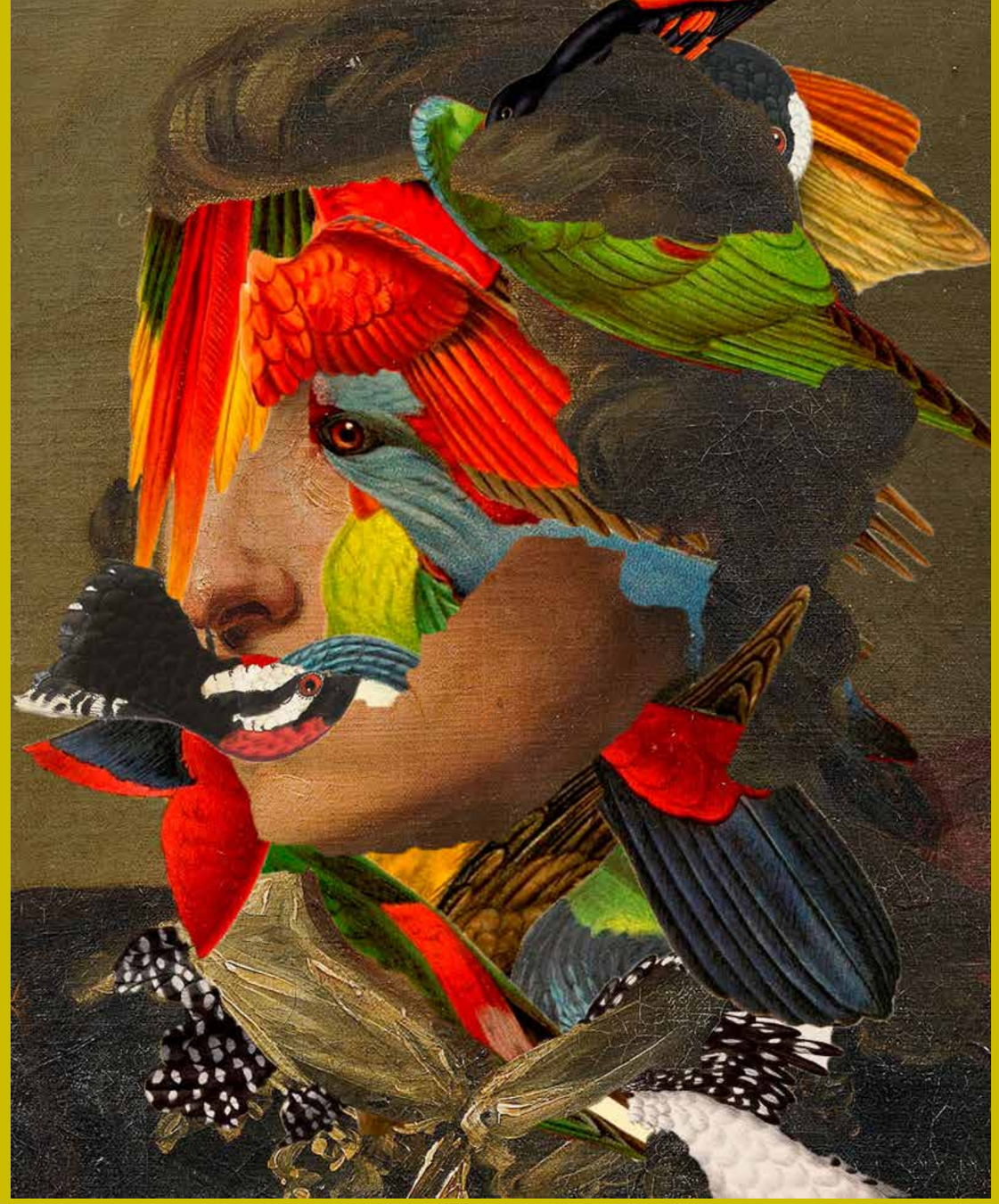
Cumprida a tarefa, ligo a televisão e eis que a Argentina e a França ainda estão se digladiando. Segundo tempo da prorrogação, los hermanos com vantagem no placar e a França empata o jogo. Sofro! Vamos para a disputa de pênaltis, sofrimento renovado, torcidas se manifestando de lado a lado com gritos e fogos de artifício. No fim, nossos irmãos latino-americanos acabam levando a melhor e recebem a taça que lhes outorga a terceira estrela na camisa. Merecidamente.

Lembrei-me do apelido pelo qual nós, os latino-americanos, somos conhecidos no mundo – las cucarachas.

Apesar dos pesares, somos sobreviventes. Se bobear, ainda aprendemos com elas a escapar das bombas atômicas

Terão que nos engolir, já disse um sábio técnico da seleção brasileira de futebol.

Terão que nos engolir!



MATÉRIA PLÁSTICA

Renato Medeiros
É Doutor em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UnB), jornalista cultural e idealizador do perfil @pigmum.arte, sobre artes visuais, exposições e museus. Em 2021, foi premiado em 1º lugar no Salão Jovem Arte MT, na categoria Pintura.

DECOMPOR PARA RECOMPOR: A RELAÇÃO ENTRE O TODO E AS PARTES NAS COLAGENS DE JOÃO PEDRO NUNES

Toda imagem é composta aos pedaços. Trata-se do resultado da distribuição espacial de elementos como linhas, formas, cores e texturas em uma combinação capaz de impactar a percepção de quem olha. Há muito tempo, Platão e Aristóteles já se dedicavam a pensar a relação entre o todo e as partes, na busca pela compreensão da realidade e de sua ordenação ou regularidade. Mas aqui, são os pedaços irregulares que parecem interessar ao artista português João Pedro Nunes.

Em suas colagens, o artista decompõe para recompor. Negocia significados, associa símbolos, embaralha pedaços de sentidos para recombiná-los em imagens não necessariamente harmoniosas ou regulares. João Pedro Nunes tenta, sobretudo, se desvencilhar de qualquer rigidez formal. Um exercício difícil, sendo possível contra-argumentar que, apesar do caos aparente, suas obras ainda apresentam certa unidade coesa, uma cadência entre as cores e o jogo de escalas, além de uma compensação própria entre o simétrico e o assimétrico.

Para autores como Dondis, Munari e Arnheim, o equilíbrio e a harmonia entre as partes são peças fundamentais para uma linguagem visual efetiva. Para Kandinsky, o ponto é a menor dessas partes. A partícula fundamental de toda forma. É justamente a profusão de pontos no espaço e a proximidade entre eles que nos provocam a sensação de integralidade. Quanto maior for essa proximidade, maior será a sua capacidade de conduzir o olhar e de nos fazer enxergar as imagens por inteiro.

Muitos processos de impressão fazem isso por meio da retícula, que nada mais é do que uma grade regular de pontos, com tamanhos e espaçamentos uniformes. Ao se estender por toda a imagem, a retícula organiza as partes da composição gráfica de modo sistemático e formal. Semelhante ao que ocorre com os *pixels* das imagens digitais. Cada pixel assume uma cor e o formato de um quadradinho minúsculo, austero, com seus ângulos retos e respeito à formalidade. Todos esses conceitos podem representar um modo rígido e hierárquico de entender uma composição visual, o que Nunes aparentemente rechaça em sua prática artística.

Em um mundo saturado de imagens padronizadas, o artista distorce esses pontos regulares, fragmentando imagens consagradas da cultura visual e criando, assim, novos corpos inteiros. Formados pela justaposição de partes díspares, a partir do complexo cruzamento entre múltiplas ideias e referências visuais. Talvez o bombardeio de imagens da cultura de massa pelo qual o artista passou desde a sua infância nos anos 1980 esteja reverberando agora entre os elementos escolhidos para suas colagens.

Por fim, ainda é possível dizer que as imagens que se formam na mente também são compostas aos pedaços, como os sonhos. Outro tema de provável interesse ao artista, que tem formação em psicologia e também atua profissionalmente como psicanalista. Juntar pedaços de sonhos como quem compõe uma colagem de imagens pode nos levar à seguinte pergunta: que combinações o nosso subconsciente é capaz de produzir a partir de estímulos visuais, sonoros e verbais dos quais temos acesso diariamente?

As colagens podem ser reinterpretações de elementos dispersos, mas latentes na memória ou no subconsciente. Talvez por isso os trabalhos de João Pedro Nunes encontrem alguma estabilidade mesmo no aparente caos. Talvez essas colagens sejam o resultado plástico de uma operação muito sutil de seu subconsciente, como um processo de mediação que harmoniza a dispersão das partes, integrando-as em um todo.

DO CONTEMPORÂNEO

Maristela Carneiro
É Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – PPGECCO/UFMT. Docente da Faculdade de Comunicação e Artes – FCA/UFMT, é Mestre em Ciências Sociais e Doutora em História. Coordena o NEC - Núcleo de Estudos do Contemporâneo. Dentre seus interesses, destaque para Estudos de Gênero, Feminismos, Artes e Cultura Visual, Pensamento Decolonial e Epistemologias do Sul.

CAPRICHOSA INCOMPLETUDE

O pintor milanês Michelangelo Merisi (não confundir com o escultor do Davi, o florentino Michelangelo Buonarroti), mais conhecido simplesmente como Caravaggio, morreu em 1610, após uma vida intensa, repleta de violência e excessos vários. Notoriamente desordeiro, irreverente diante das autoridades, destrutivo com o patrimônio alheio e culpado pelo assassinato do proxeneta Ranuccio Tommasoni, ele passou sua vida fugindo, sendo acolhido (e suportado) por novos mecenas em razão de suas habilidades artísticas, tidas na época como um dom divino. Ele correu como um foragido de Roma a Nápoles, depois a Malta e, finalmente, à Sicília, mas deixou um volume estonteante de pinturas espetaculares em seu rastro. Acredita-se que a exposição constante ao chumbo, muito utilizado na fabricação das tintas, foi um dos fatores que fragilizou sua saúde – a medicina de nossos dias também sugere que o envenenamento gradual pela absorção do metal pode ter alimentado seu temperamento explosivo.

Caravaggio certamente foi uma figura horrenda para muitos de seus contemporâneos, mas a qualidade envolvente de sua arte fez com que suas idiossincrasias fossem praticamente esquecidas em favor do alcance de sua influência como artista. Ainda no século XVII, inúmeros pintores europeus tentaram imitar a atmosfera sombria e dramática de sua poética. Enquanto alguns ainda buscavam replicar os esquemas harmoniosos e personagens idealizados de Ticiano, o último grande representante do alto renascimento, vários outros, como Artemisia Gentileschi, Carlo Saraceni, Diego Velàzquez, Bartolomé Murillo e Francisco de Zurbarán, tentaram simular ou seguir os passos erráticos de Merisi, criando uma arte que parecia pulsar e respirar na tela. Outros ainda, de maneira indireta, mas visível, foram impactados por ele, como Rubens e Rembrandt.

Não é surpreendente, dadas essas qualidades, que Caravaggio siga influente, mesmo na contemporaneidade, quando a pintura já foi declarada morta e as artes visuais tenham majoritariamente se voltado para outros interesses mais subversivos, como o *readymade*, a instalação e a performance. As obras de artistas contemporâneos como o italiano Roberto Ferri e o norueguês Odd Nerdrum (e sua escola de discípulos, os pintores *Kitcsh*) professam um amor evidente e desavergonhado por Caravaggio. De maneira menos gritante, esse amor pode ser encontrado ainda na arte de Camila Soato e na variedade de colagens, pinturas e gravuras do movimento conhecido como Surrealismo *Pop/Lowbrow.*

O que há de tão permanente na obra de um criminoso proto-barroco que viveu séculos antes de nós? Bem, além da vida que emana de seus personagens e da energia que domina suas cenas, de seu aspecto sinistro e teatral, há ali principalmente um louvor ao descontrole e à emoção. Caravaggio criou um estilo que se destacava fortemente da pintura ordeira, harmônica, contida e racional que os artistas de Florença, Veneza, Milão, Roma e Siena haviam construído meticulosamente ao longo dos séculos anteriores. O mundo representado por Caravaggio é um que está constantemente instável, sem linhas reconhecíveis, com personagens amontoados, ações incompletas, tecidos esvoaçantes, sombras que tudo engolem, corpos trepidantes, faces descompostas.

Curiosamente, enquanto muitos chamam atenção para o "realismo" de suas pinturas, para a figuração cuidadosa vista nas representações de rostos, cabelos e metais, o que certamente é mais chocante a respeito delas é o desapego com que ele jogava esses materiais pelos ares, criando e recriando impermanência, transição. Olhar para suas pinturas hoje, para obras como *Rapaz mordido por um lagarto* (1594-1596) e *A Ceia em Emaús* (1601), nos transmite uma sensação fotográfica, e não é à toa. Suas obras geralmente criavam aquele componente tão incomum na arte figurativa: a captura do momento, do fluxo da ação, daquilo que estamos vendo em curso, mas que jamais saberemos como termina. Se Caravaggio parece não ter morrido, sua obra muito menos. O grotesco e o fantástico seguem nos cortejando. Perturbadores, fluidos. Nessa inconclusão vivem a imaginação, o sonho, a expectativa e uma miríade de medos. Nessa inconclusão fantasiosa, repleta de seres humanos diante de uma nuvem incessante de mudanças, jaz um tipo de satisfação que nenhuma obra encerrada é capaz de gerar.

HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

A GRANDE ÁRVORE DO MUNDO[1]

Na cosmopercepção Nambiquara, ***Haluhalunekisu*** é uma grande Figueira suspensa no céu! Suas raízes a ralar o solo em movimentos ora brandos, ora turbulentos estabelecem conexões entre o céu e a terra. O Nambiquara do Cerrado tem conhecimento de que a purificação do vegetal deve ser feita com constância. A vida dos anunsu[2] , como se autodenominam os grupos da etnia Nambiquara, e dos ***kwajantisu***[3], os não indígenas, precisa estar em equilíbrio. Uma tarefa árdua, desempenhada pelo pajé.

Esta tarefa é alimentada pelo repertório musical do pajé, entoado nas sessões noturnas de cura. "O filhote de gavião está chorando" porque "debaixo dela está muito sujo". Essa impureza refere-se às atitudes desacertadas dos habitantes da Terra.

O pajé, com o enfeite nasal de pena de gavião, viaja para a copa da Figueira, também morada do gavião, ***Tauptu***, que vive no vegetal, na ramagem superior da árvore. De enorme asas, garras e cauda. Pajés afirmam que seus galhos são feitos de ossos humanos. Os que nunca viram, não duvidam. ***Tauptu***, ao defecar, sempre à noite, deixa o rastro luminoso de suas fezes na escuridão celestial. É a estrela fugaz. A estrela cadente. A anunciação da presença da ave de rapina em vigília.

Tauptú não provoca doença às pessoas. Mas, ao adoecerem, devora seus corpos e leva seus ossos para seus domínios. Uma mulher menstruada evita afastar-se de sua aldeia. Torna-se alvo da ave de rapina. Às descuidadas, o espírito do gavião bebe seu sangue e captura sua alma, levando-a para sua moradia, impedindo de seguir para a montanha das almas, para onde devem seguir as almas após a morte.

A Figueira não está incólume às crueldades de espíritos maléficos que vivem na Terra. A 'grande árvore do mundo' sofre ataques de um aglomerado de atasu, principalmente aqueles que gostam de se alimentar de suas raízes, a interromper propositalmente as conexões entre céu e terra. Mas, Dauasununsu, ser supremo Nambiquara, reina na copa do vegetal. Conhecedor de todas as coisas, tem seus mistérios para debelar as maldades do mundo. Para isso, precisa de força. Força proveniente das boas ações dos seres humanos.

---

1 'A grande árvore do mundo', termo adotado pelo antropólogo norte-americano Paul David Price para nominar a Figueira sagrada Haluhalunekisu. Price foi um estudioso do povo Nambiquara e que, também, de 1974 a 1976 assumiu, na Funai, o cargo de coordenador do Projeto Nambikwara e, em 1980, a consultoria do Banco Mundial, órgão financiador do Polonoroeste (Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil), implantado nas áreas da Amazônia Legal.

2 A palavra anũnsu possui a mesma raiz do verbo partilhar – wxanxũ-txi. A partilha de obrigações é a condição essencial para a reunião de pessoas que moram em uma mesma aldeia.

3 Kwajantisu, comedores de feijão, consiste no termo comumente empregado pelos grupos Nambiquara do Cerrado designativo às pessoas de origem não indígena. Explicam que esse nome surgiu após observarem os integrantes da 'Comissão Rondon' quando invadiram seus territórios, a fim de implantar as Linhas Telegráficas, em 1907. Em seus relatos, não raro envoltos por zombarias, ficaram impressionados com a frequência e a grande quantidade de feijão ingerida durante as refeições pela 'peãozada de Rondon'.

Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

PIÉ
REVISTA LITERÁRIA